

## LEITURA POÉTICA E RESSIGNIFICAÇÃO TEXTUAL NA PRÁTICA ARTÍSTICA ENQUANTO INTEGRADORA DOS SABERES<sup>1</sup>

DIEGO VICEREKI BRONISZAK<sup>1</sup>; HELENE GOMES SACCO<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - [diegobroniszak@gmail.com](mailto:diegobroniszak@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas - [helenesacco@hotmail.com](mailto:helenesacco@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo busca explorar desdobramentos no âmbito da Licenciatura em Artes Visuais a partir da minha pesquisa monográfica intitulada “*Magnus: A história de um invasor de universos*”. Acreditando na Arte como uma potente ativadora da “leitura do mundo” e possibilitando dar espaço a (re)leituras de diversas áreas do conhecimento humano que são historicamente “separadas” uma das outras, a ressignificação textual surge como proposta de poder materializar as inumeráveis relações entre esses conhecimentos, sendo de grande interesse para uma integração dos saberes, importante para a prática interdisciplinar. Tais práticas são conseguidas através da escrita que por sua vez também busca encontrar seu espaço nas materialidades das Artes Visuais.

Primeiramente, defendendo o artista como sendo um “invasor de universos”, adentrando em campos diversos da cultura, trago uma citação de BOURRIAUD (2003) para tentar entender a característica interdisciplinar que me parece bastante peculiar à Arte contemporânea. Consequente, ilustrando esse artista que lida com uma realidade de conhecimentos fragmentados, busco uma reflexão a partir de GALEANO (1990), procurando também entender a origem desta fragmentação através de PAVIANI (2008). Após, pensando no artista como também sendo um cartógrafo que expressa sentimentos que pedem passagem nesse mundo que se (re)constrói a cada momento, percorro alguns pensamentos de ROLNICK (2007), ilustrando esse artista que por “deglutir” diferentes produtos do conhecimento humano, é antes de tudo, um “antropófago”. Por fim, assumindo que esse mesmo artista também colabora com as mutáveis verdades do mundo, busco apoio em RANCIÈRE (2002), tentando abranger melhor a ideia de “leitura”, relacionando com toda e qualquer de nossas capacidades de perceber esse mundo.

### 2. METODOLOGIA

Este artigo também pretende propor reflexões que partem, sobretudo de minhas experiências enquanto aspirante a artista professor. Tendo interesse em diferentes áreas do conhecimento humano, tais como Filosofia, História, assim como outras mais ligadas à Ciência, como Química, Física, Biologia e Astronomia, procuro

---

<sup>1</sup> Aqui este termo “integração dos saberes” é utilizado como uma alternativa mais coerente de assumir um dos caracteres essenciais do termo “interdisciplinaridade” (POMBO, 2005). Tendo em conta a abrangência deste termo para ser usado neste artigo, a opção por esta substituição busca dar mais objetividade naquilo que se pretende por meio desta pesquisa.

realizar aquilo que pode ser chamado de “leitura poética”, perante diversos materiais textuais (artefatos<sup>2</sup> de leitura) relativos à estas áreas do conhecimento (livros, manuais, jornais, artigos, catálogos, etc). Deste modo, utilizando a resignificação textual enquanto ação sobre esses materiais, busco criar novos artefatos que de alguma forma acabam se relacionando com a ideia de poesia visual, carregando uma poética que dialoga com a ficção ou mesmo a escrita enquanto código ou jogo. A escrita de fato é a “substância primordial” de meu trabalho artístico e norteia muito as minhas poéticas. Ela é origem, processo e resultado, repensando o texto como sendo um corpo flexível e de possibilidades poéticas que buscam dar a “imagem” de minhas reflexões, crenças, estudos, vontades, para finalmente surgir um novo “artefato” carregado de outras leituras poéticas que permitem não só (re)ler a fonte como também novas possíveis relações.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação a essa “leitura” que realizo diante de diferentes áreas do conhecimento, estando ela em sintonia com minhas poéticas dentro das Artes, ou seja, com a minha própria leitura do mundo, acaba me propondo certa liberdade frente a muitos dos paradigmas que moldam nossa realidade. Em um de meus trabalhos apresentados em minha monografia, intitulado “*Todos somos bits!*” (2014), proponho um texto em forma de artigo de revista relacionando assuntos da área da Química com outros que dizem respeito à Programação de Computadores. Por meio das possibilidades da ficção, crio um desenho tipográfico de uma silhueta humana construído com os símbolos dos elementos químicos que compõem o nosso corpo, e junto a isso crio uma notícia trabalhando uma possível relação entre estas duas áreas de conhecimento. Neste exemplo, acredito que esta saudável subvertência concorre para que surjam as “invasões”, que por sua vez me parecem muito peculiares a vários artistas contemporâneos.

O artista contemporâneo habita todas as formas de arte. O problema não é produzir novas formas, mas inventar dispositivos de habitat. Habitar formas de arte já historiadas reativando-as, mas também habitar outros campos culturais....O artista é permanentemente um intruso em outros campos. (BOURRIAUD, 2003, p.77)

Neste sentido, este artista “invasor”, quando tem consciência das possíveis relações a serem criadas perante as leituras que faz destas diferentes áreas do conhecimento trazendo, por exemplo, a Física em contato com a Biologia ou a Matemática, consegue estar em sintonia com a ideia de integração dos saberes que acredito ser extremamente potente na prática do artista professor. É muito evidente que a Arte contemporânea consiga atingir muitos destes habitats, muitos campos intelectuais, mas trabalhar sobre essas relações é uma tarefa que cabe principalmente ao professor que se encontra frente a uma fragmentação demasiado intensa do conhecimento.

---

<sup>2</sup> Utilizo este termo “artefato” como proposta de ativar o corpo que os diferentes dispositivos de leitura podem oferecer. Este termo busca tratar o texto como sendo um objeto, que por sua vez, pode ser lido, alterado e (re)criado pelo engenho humano.

Assim estamos: cegos de nós, cegos do mundo. Desde que nascemos, somos treinados para não ver mais que pedacinhos. A cultura dominante, cultura do desvínculo, quebra a história passada como quebra a realidade presente; e proíbe que o quebra-cabeças seja armado. (GALEANO, 1990)

Essa reflexão, presente em seu livro “*Nós dizemos não*”, acompanhada de uma pequena fábula<sup>3</sup>, acaba ilustrando muito essa situação de conhecimentos isolados e fragmentados na nossa sociedade. Tal fragmentação parece ter uma origem na história clássica e medieval, mas como PAVIANI (2008, p.31) aponta, é na consolidação das primeiras universidades, que as disciplinas passam a ser relacionadas com as estruturas organizacionais e administrativas das universidades. A sua expansão favorece então a formação de disciplinas e consequentemente certa fragmentação do conhecimento. Hoje, em meio a essa realidade, cabe ao professor orientar para que cada aluno busque suas leituras, frente a essa fragmentação, estimulando relacioná-las umas com as outras, de modo que a Arte venha a colaborar com uma nova “leitura” e (re)construção do mundo que os cercam. No entanto, essa atitude, por não se basear em nenhum método ou instrumento pedagógico, pode parecer pouco eficiente. Essencialmente ela busca tornar naturais as possíveis relações entre essas diversas áreas do conhecimento, permitindo então que a Arte permeie esses campos possibilitando as (re)leituras que estimulam ao mesmo tempo em que são estimuladas pela sensibilidade do aluno. Reconhecer esta sensibilidade, assim como estes sentimentos que muitas vezes necessitam ser materializados por alguma ação artística, de acordo com ROLNICK (2007, p.23), pode ser também interpretado como uma tarefa do “cartógrafo”.

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos, sua perda de sentido, e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo, dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropólogo.

Essas “cartografias” são possíveis como processo e resultado das (re)leituras que o aluno é estimulado a fazer e muitas vezes revelam a equivocada sensação de ignorância que temos perante muitas áreas do conhecimento que se dão deste modo, na maioria dos casos apenas por estarem desconectadas uma das outras e isoladas em suas próprias verdades “imutáveis”. Neste sentido, essa “leitura poética” e essa ressignificação surgem dando uma possibilidade de reflexão, mostrando que talvez não existam realidades imutáveis e que se pensarmos na origem do conhecimento, retornando aos mestres Filósofos da Antiguidade, por exemplo, possa ser aceitável que Arte e Ciência partam de um mesmo pensar, de uma mesma necessidade de ler e interpretar o homem, o mundo e o universo.

O pensamento não se diz em verdade, ele se exprime em veracidade. Ele se divide, ele se relata, ele se traduz por um outro que fará, para si, um outro relato, uma outra tradução, com uma única condição: a vontade de comunicar, a vontade de adivinhar o que o outro pensou e que nada, fora

---

<sup>3</sup> “Três cegos estavam diante de um elefante. Um deles apalpou a calda do animal e disse. – É uma corda. Outro acariciou a pata do elefante e opinou: - É uma coluna. O terceiro cego apoiou a mão no corpo do elefante e adivinhou. – É uma parede.” Eduardo Galeano, 1990.

seu relato, garante, que nenhum dicionário universal explica como deve ser entendido. (RANCIÈRE, 2002, p.71)

Assim penso ser conveniente expandir a ideia de “leitura”, interpretando que essa ação está essencialmente relacionada com todos os nossos sentidos que percebem e (re)criam esse mundo constantemente, “traduzindo-o” em diferentes formas. Frente à dimensão desta “leitura”, e interpretando a ressignificação como ação sobre outras leituras que se dá através da escrita, o artista professor acaba colaborando na abertura de um mundo desvelado diante dos “olhos” de seus alunos, estimulando perceber infinitas relações com cada área do conhecimento e identificando até mesmo as estratégias persuasivas e controle presentes nos discursos e imagens do mundo atual. Ler de fato é um gesto que liberta, e a leitura poética ensina uma nova atitude perante esses conteúdos.

#### 4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa revela um pouco de minhas tantas reflexões que trago nas páginas de minha monografia, que mais uma vez digo que propõe essas reflexões acerca das leituras poéticas, da ressignificação e da escrita. De fato, tais processos não são de todo, suficientes para trabalhar com esta integração dos saberes de forma totalmente proveitosa, pois antes disso, é preciso levar o aluno a experimentar sua sensibilidade criadora, pois do contrário, seria algo muito mecânico e provavelmente distante para ele. Por outro lado, permitindo que esta leitura parta de qualquer área de interesse, essa ação artística ganha uma flexibilidade muito notável se tornando bastante subjetiva e próxima a realidade de cada um. O aluno reconhece o seu mundo sobre as diferentes leituras que o forma, e assim recria-o apoiado por toda poesia que a Arte proporciona para ser “lida”.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BOURRIAUD, N. O quê é um artista (hoje) ?. **Arte/Ensaio**, Revista do programa de pós-graduação em Artes Visuais, EBA. Rio de Janeiro, 2003.
- BRONISZAK, D. **Magnus: A história de um invasor de universos**. 2014. (Monografia em Artes Visuais Licenciatura) UFPEL.
- GALEANO, E. **Nós dizemos não**. Rio de Janeiro: Revan, 1990.
- PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2008.
- POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, Porto Alegre, PUCRS, v.1, n.1, março 2005, p. 3 -15.
- RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.
- ROLNICK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.